

Os três movimentos na acção patrimonial global

Ao discutirmos acerca da trama de relações que interligam a política e o território com as problemáticas contemporâneas do património e da cultura, deparemos-nos com a possibilidade destes se tornarem passíveis de instrumento para o desenvolvimento territorial, as despesas públicas culturais poderem ser entendidas como um investimento e o património como um recurso para a revitalização económica e social.

Então, políticas culturais sobre o património comprometidas com o seu contexto histórico e social podem inserir nas suas acções a problemática local e global do património como suporte para diferentes modelos de políticas sectoriais.

No entanto, a acção patrimonial na globalização pode pressupor três movimentos que passo a enumerar e contextualizar:

1. **Alerta para o perigo da amnésia colectiva:** Segundo o pensamento de Hannah Arendt¹, quando o passado não ilumina o futuro, a humanidade caminha às cegas e perde-se num presente eterno, perda da espessura, da densidade, da profundidade do tempo. Walter Benjamin² insiste, ainda, que a perda do sentido da experiência, prenúncio da sociedade da informação, pode dar um sentido de homogeneização do tempo e redução do mundo.
2. **Alerta para o excesso de memória:** Para Pierre Nora³, as sociedades ocidentais modernas buscam compensar a amnésia com o seu oposto, tudo é memorializável, políticas de preservação, “lugares de memória”.
3. **Convite para a rememoração produtiva:** Se analisarmos o excesso de memória como significado de esquecimento, como o fez Andréas Huyssen⁴, somos levados a fazer um esforço para distinguir os passados úteis dos passados dispensáveis / tomada de posição / memórias afirmativas, postura proactiva, nem tudo deve ser lembrado. O que eu quero que seja lembrado? Qual a posição de cada cidadão neste debate?

¹ Hannah Arendt (1906 —1975) foi uma teórica política alemã, muitas vezes descrita como filósofa, apesar de ter recusado essa designação. Estudou filosofia com Martin Heidegger na Universidade de Marburgo, relacionando-se passiona e intelectualmente com ele. Posteriormente foi estudar em Heidelberg, tendo escrito na respectiva universidade uma tese de doutoramento sobre a experiência do amor na obra de Santo Agostinho, sob a orientação do filósofo existencialista Karl Jaspers. Da sua obra poderemos concluir que é fundamental a sociedade manter uma permanente vigilância para garantir a defesa e preservação da liberdade.

² Walter Benjamin (1892 - 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagónicas do idealismo alemão, do materialismo dialéctico e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética.

³ Pierre Nora (Paris) ocupa uma posição particular, que o qualifica como uma referência entre os historiadores franceses contemporâneos. É conhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, o ofício do historiador, e ainda pelo seu papel como editor em Ciências Sociais. O seu nome está associado à Nova História ("*nouvelle histoire*").

⁴ Andréas Huyssen (1942) intelectual ocidental Andreas Huyssen, de origem alemã, aborda temas que lhe são caros, como o da memória e o dos efeitos dos media na cultura moderna. Professor de Literatura Comparada, Huyssen estabelece conexões entre seu trabalho de problematização do pós-moderno e o fenómeno mediático contemporâneo, marcado pelas consequências do atentado de 11 de Setembro de 2001.

O convite à rememoração produtiva aponta-nos para o Futuro e liberta-nos do Passado nostálgico. Assim, este movimento, significa construção de utopias! Logo, novos paradigmas de e para o Património: Que Projeto Queremos para a Sociedade? Qual a Sociedade que queremos ver projectada no futuro? Quais são as nossas utopias e os novos paradigmas?

Se entendermos os patrimónios mundiais sociais como uma tendência contemporânea, estabeleceremos uma relação dinâmica entre as instituições museológicas e a sociedade, especialmente em pequenos municípios ou regiões delimitadas; a apropriação das instituições como instrumentos para reflexão e construção de novos sentidos para movimentos sociais e populações em situação de risco social; e a incorporação de práticas de intercâmbio e trocas de ideias: o espaço de património cultural como *forum* e espaço de discussão.

Chegamos, nesta reflexão, ao ponto de partida do interesse do património junto aos movimentos sociais, como preocupação pelas acções de preservação e, estas, valorizadas como ferramentas para o desenvolvimento comunitário e global.

A diversidade de utilização do património pode ser assumida como um elemento estratégico de política cultural, promovendo o património a fenómeno contemporâneo das sociedades. “Por isso, a reformulação do património em termos de capital cultural tem a vantagem de o não representar como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como outro capital se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos sectores se apropriam de forma desigual.” (Canclini, 1994, p. 97)

Sem dúvida que é verdadeira a noção de que o património tem a função de unificar o mundo, mas também o é o facto de que as desigualdades existentes na sua formação e apropriação, exigem que estudemos o património como representação da luta material e simbólica entre as sociedades.

Como encarar o património como fenómeno contemporâneo:

- Implosão dos antigos sistemas de património ?
- Mudanças nos sistemas de classificação que ordenavam o mundo pré-globalização?
- Síndrome do Património ? Tudo é património ?
- Os Estados perdem o papel ordenador e transformam-se em articuladores e mediadores?
- As Sociedade civis assumem papéis cada vez mais activos?

A resposta está em encarar o património comunitário como “Cultura na primeira pessoa”: Protagonismo dos narradores ou sujeitos dos discursos narrativos do património; actuação conjunta com técnicos das instituições patrimoniais; sociólogos, antropólogos e pesquisadores/técnicos das instituições como mediadores e articuladores; dinamização da relação com o entorno; revitalização da função social do património.

Concomitantemente, o património passa por um processo de construção da pertença, isto é, a vida dos patrimónios depende da ação dos cidadãos (sujeitos, narradores pro activos da memória social) e passam a instrumentos activos do presente, fomentando e criando espaços e debates sobre temas que afectam o quotidiano dos cidadãos.

No mundo actual, o património tem como missão fomentar espaço de experiências, levando o cidadão a experimentar outras vivências para além das que está habituado; conduzindo-o para o mundo do extraordinário, do mágico, do encantamento e da imaginação, exercitando, desta forma, a sua tolerância através da promoção do respeito às diferenças, combatendo assim, todas as formas de racismo, xenofobia e etnocentrismo.

Com tudo isto, o património nas comunidades fomenta a relação directa com o habitante da cidade/morador de um bairro, região, comunidade, não privilegiando o turista ou visitante eventual; procura criar programas de visitas continuadas, despertando a sensibilidade para os temas focalizados pelo património diferencial, voltado para o cidadão.

O património através das suas múltiplas articulações promove: a natureza solidária/ de dependência mútua/ total interdependência entre o indivíduo e a sociedade; e a necessidade de imbricação de todos os tipos de organismos preocupados com a cidade/comunidade, públicos ou privados, instituições de pesquisa, órgãos de planeamento, desenvolvimento urbano e preservação cultural, arquivos, bibliotecas, associações de moradores, coleccionadores, líderes comunitários, cientistas. Sensibilizando o desenvolvimento de políticas de acervo que permitam cobrir campos estratégicos na relação comunidade-indivíduo/espaço global e, trazer os habitantes da comunidade/indivíduo (crianças e adultos) para o conceito de património dentro de um programa de acção continuada e interarticulada com outros sectores e instituições sociais, notoriamente educacionais e científicas.

Concluindo, o património de uma comunidade trabalha a noção de pertença, forma comunidades em torno de propostas e linhas de acção comuns, entende a cidade/comunidade como campo de forças (polifonia): interfere no debate, assume pontos de vista e afirma-os. Não temendo a postura militante, fazendo com que os espaços patrimoniais deixem de ser espaços de neutralidade mas de políticas afirmativas.